

De cada um segundo a sua capacidade,
a cada um segundo as suas necessidades
Friedrich Engels

esteiro

ano VII – n.º 13

março de 2017

boletim semestral

**Resolução política
do XX Congresso
do PCP**

Em Lisboa
Modesto Navarro

**Cartas a André,
de Xico Braga**
Domingos Lobo

**Lembrar Mário Dionísio,
o Poeta da certeza
inabalável**
Domingos Lobo

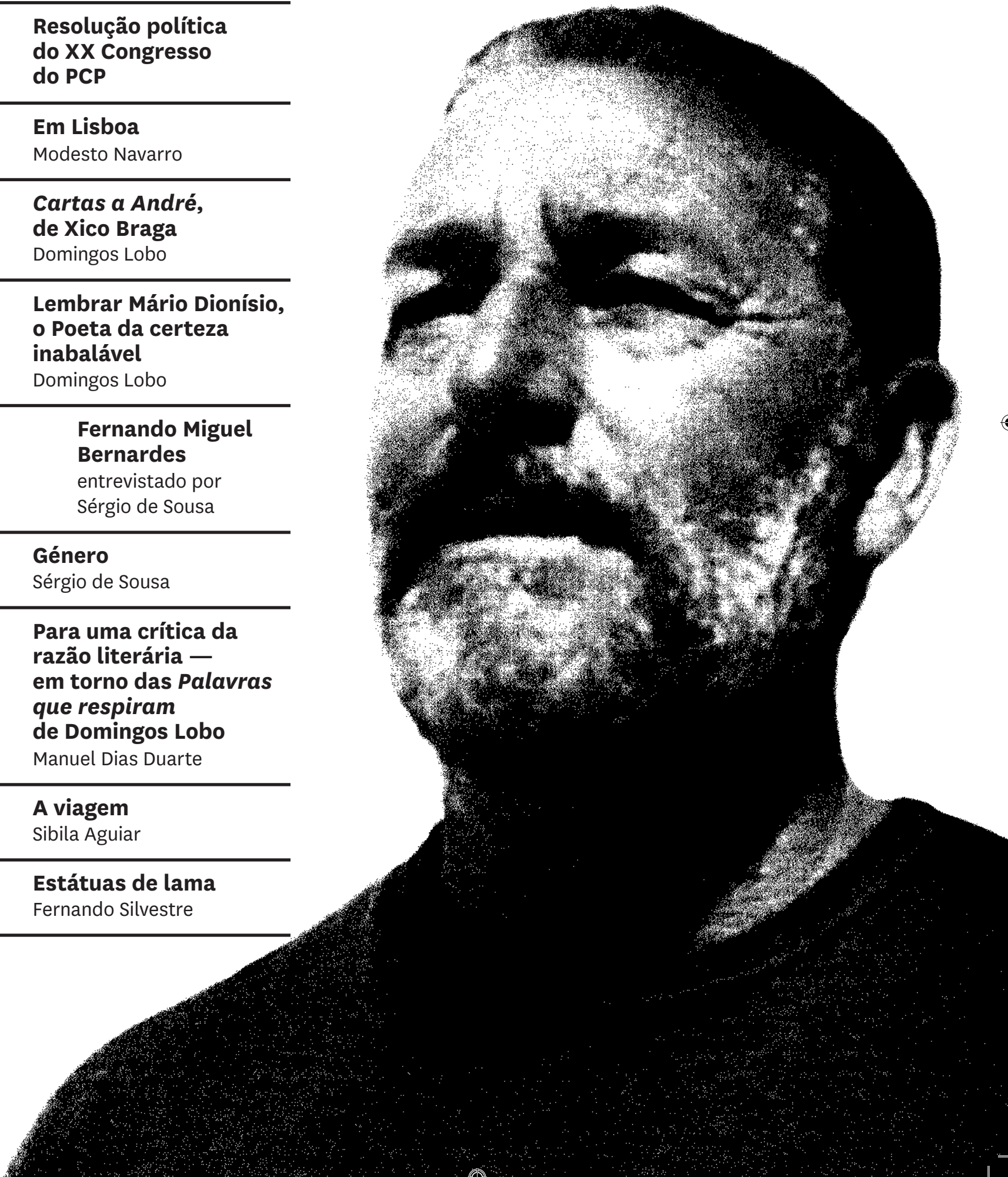
**Fernando Miguel
Bernardes**
entrevistado por
Sérgio de Sousa

Género
Sérgio de Sousa

**Para uma crítica da
razão literária —
em torno das *Palavras
que respiram*
de Domingos Lobo**
Manuel Dias Duarte

A viagem
Sibila Aguiar

Estátuas de lama
Fernando Silvestre

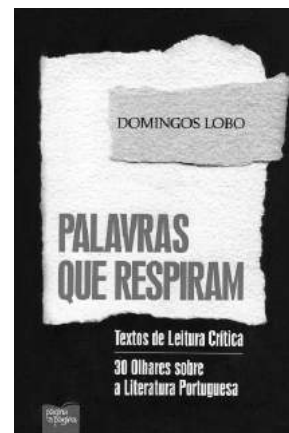




Sérgio de Sousa
Comunistas escritores
— *Página a Página*



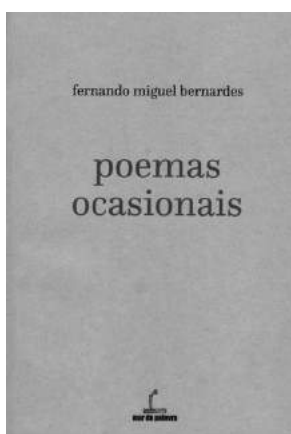
Adelino Cunha
Os filhos da clandestinidade
— *A Esfera dos Livros*



Domingos Lobo
Palavras que respiram
— *Página a Página*



Ana Margarida de Carvalho
Não se pode morar nos olhos de um gato
— *Teorema*



Fernando Miguel Bernardes
Poemas ocasionais
— *Mar da Palavra*



Francisco Mangas
Jacarandá
— *Teodolito*

estatuto editorial

1. **esteiro** é o braço de rio que penetra e fecunda a margem.
 2. **esteiro** é o órgão da Célula da Cultura Literária do Sector Intelectual da Organização Regional de Lisboa do Partido Comunista Português.
 3. **esteiro**, na austeridade dos seus meios, luta pela dignificação da posição social dos escritores, parte integrante da luta geral dos trabalhadores intelectuais e braçais, por um futuro justo, belo e fraterno.
 4. **esteiro** acolherá a colaboração de qualidade de todos os escritores, seja qual for a sua orientação estética, desde que não enferme de qualquer ideologia anti-humanista.
 5. **esteiro** inserirá publicidade gratuita, logo livre.
 6. **esteiro** agradece toda e qualquer reprodução dos seus textos.
-

direcção **Manuel Dias Duarte**
 redacção **Avenida da Liberdade 170, 1250-146 Lisboa**
 tiragem **1.000 exemplares para distribuição gratuita**

correio electrónico
 s.intelectual@dorl.pcp.pt

sites
 dorl.pcp.pt

O PCP realizou, na Assembleia da República, no passado dia 17 de Fevereiro, uma audição pública dedicada ao livro e à leitura, actual situação e perspectivas, com o objectivo de abordar diversas temáticas de interesse para esta área, designadamente o Plano Nacional de Leitura, as bibliotecas escolares e públicas, a leitura e o ensino de literatura, bem como debater os meios e as condições para a criação e a difusão literária.

A riqueza do debate, as questões suscitadas e o alargado e diversificado leque de presentes permitiram aprofundar a nossa reflexão nalgumas das várias componentes que contribuem para o enriquecimento (ou empobrecimento) da cultura literária do povo português, desde os elementos necessários à criação aos que potenciam a sua fruição. Elementos como os relativos ao ensino, a relevância das bibliotecas e a escassez dos seus recursos materiais e humanos, apesar dos avanços conseguidos nas últimas três décadas, a importância da rede de mediadores de leitura, praticamente desmembrada com o Governo PSD/CDS, outros aspectos relativos à estrutura do Estado, nomeadamente a fusão feita entre vários serviços, concentrando-os num só – a Direcção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas – a concentração em grandes grupos da edição e da distribuição, bem como as limitações económicas que a maioria dos autores enfrenta, estiveram presentes na reflexão.

Sobre este último elemento assinala-se a importância, quer simbólica, quer efectiva, da aprovação e consequente inclusão no Orçamento do Estado para 2017 de uma iniciativa do PCP apresentada aquando da discussão deste documento: a retoma da atribuição de bolsas à criação literária. Cabe ao Governo regulamentar o concurso que as atribuirá mas pugnaremos para que esta medida seja potenciada ao máximo de forma a aumentar o número de obras de qualidade publicadas.

A valorização da criação literária, dos autores, e a reflexão, o debate e a proposta sobre a difusão da leitura de literatura têm sido linhas presentes na intervenção do PCP. Continuaremos a fazê-lo, certos que o faremos melhor debatendo com outros. Reafirmamos esta disponibilidade, em forma de repto, aos vários intervenientes no vasto processo da criação à fruição de literatura.

Política cultural

in XX Congresso do PCP, Resolução Política

Edição: DEP/PCP 2016, pág.41)

A política cultural de sucessivos governos do PS, PSD e CDS-PP tem travado o enorme potencial de democratização cultural possibilitado pela Revolução de Abril, lançando o sector numa profunda crise.

Crise que tem como principal consequência a sistemática fragilização do tecido cultural, cada vez mais vulnerável e precário, com novas limitações no acesso à criação e à fruição culturais por parte das camadas populares.

Nas áreas do conhecimento e da cultura, o País vive um período marcado por uma acentuada elitização, privatização e mercantilização, em que a cultura é concebida como apenas mais uma área de actividade económica, centrada em torno das chamadas indústrias culturais, em que a livre e independente criação é substituída pela resposta da monocultura dominante.

As grandes dificuldades por que passam os vários subsectores da cultura são resultado desta política: o investimento público caiu a pique, de que é exemplo, entre muitos outros sectores, o do ensino artístico, em particular o especializado; mantém-se a elevada tributação em instrumentos e bens inerentes à actividade artística e cultural; os cortes nos apoios às artes e os contínuos atrasos nos concursos têm levado ao cancelamento de festivais, programação, criação e ao fecho de estruturas e companhias afectas às artes do espectáculo; à grave situação que se vive nos arquivos e nas bibliotecas por falta de apoios para a sua renovação e redinamização; à

concentração em grandes grupos da distribuição e edição e à falta de apoio à criação literária, fruto de uma política que privilegia os monopólios da actividade editorial; no cinema, os apoios à produção deixaram de ser considerados no Orçamento do Estado, ficando dependentes de uma taxa paga pelas empresas prestadoras de serviços de televisão; os museus, palácios e monumentos nacionais que, sem a contratação de novos trabalhadores e com a reforma de muitos dos seus quadros, vão perdendo a capacidade de «passagem do testemunho» e salvaguarda do conhecimento; a tutela do Património Cultural enfraquecida e esvaziada de meios humanos e materiais, com evidentes dificuldades de intervenção no terreno; o património, que deveria ser objecto de especial protecção e valorização, vai-se degradando fruto da incúria de décadas, e ficou ao abandono ou entregue a interesses privados; o desemprego, baixos salários e o flagelo da precariedade atingem grande parte dos trabalhadores da cultura e das artes.

A cultura representa um potencial e um valor insubstituível de desenvolvimento, de libertação e emancipação individual, social e nacional. A política de cultura que o PCP defende, consubstanciada na concretização de um serviço público de cultura, decorre dessa concepção em que o Estado tem uma responsabilidade determinante, designadamente ao nível do financiamento, enquanto garante de liberdade de criação artística e da sua fruição, com igualdade de oportunidades e de acesso em todo o território nacional.

Em Lisboa

Modesto Navarro

Algures, num banco de estação do Metropolitano, uma mulher brinca com a filha, que sorri, contente, muito tempo antes de a mãe envelhecer.

Numa clínica pouco distante, uma mulher idosa, sedada, sentada numa cadeira de rodas, espera os ajudantes dos terapeutas para a levarem, pelo elevador, ao andar onde está internada, ao quarto partilhado com outras mulheres. Dois técnicos vêm e brincam com ela, e ela não sorri. Rosto magoado, ainda bonito, cabelos brancos. Tanto trabalho deu para a família, os filhos, e agora está aqui e quer apenas adormecer, depois dos tratamentos às dores, aos ossos, ao silêncio entorpecido do seu amor à vida.

Os homens insistem, para que a mulher sorria, e o esboço dos lábios é tão triste, mais triste que um sorriso leve e forçado. Eles, possantes e jovens, brincam, trocam palavras vãs, aguardam o elevador e, quando ele chega, vão embora e deixam a senhora em paz, à espera de quem a leve para cima. É o melhor que lhe podem fazer.

Clínica cheia de problemas e ausências de casa, da família, quando ela existe e ajuda. Outra mulher, engenheira ainda cheia de vitalidade e revolucionária sempre, desde há muitas dezenas de anos, esteve ali internada e viu o desfile do 1.º de Maio com alegria, na varanda da clínica, que fica na Rua da Palma e acolhe trabalhadores e reformados da indústria e do comércio, associados e não associados; uma Mútua mais que centenária, com dificuldades e ainda ao serviço de desfavorecidos e outros, que vêm

tratar-se e conversam muito, no reencontro e na socialização possíveis, na cidade cada vez mais inóspita e para ricos, no silêncio e na solidão em que tentam sobreviver.

A mulher internada que vive só, em Campo de Ourique, e que foi atropelada estupidamente na rua por alguém que a não viu, ou nem a quis ver, então já a andar de canadianas, com um joelho doente, viu o desfile e perdeu a tristeza dos dias, acenando vivamente a todos os que afirmavam o 1.º de Maio pela Rua da Palma e Avenida Almirante Reis acima, até à Alameda.

Ela há-de voltar à luta, depois de obrigar o seguro de quem a atropelou a renovar o internamento, que foi suspenso, porque não querem pagar, os senhores da companhia, mas com ela não hão-de levar a melhor.

Voltando à criança e à mãe ainda jovem que brincavam no banco, à espera do Metro, como será mais tarde, quando a mãe precisar de apoio e a filha fizer a sua vida, tratar dos filhos, olhar em frente? O melhor que poderá acontecer será acompanhar a mãe, que estará algures, ou talvez a seu cargo, e que não deverá esquecer.

Filha és, mãe serás, assim como fizeres assim acharás... Será tal e qual, ou os ditos populares de outrora perderam a eficácia que nos iluminava a vida e nos dava um sentido mais profundo de justiça?

Fernando Miguel Bernardes

entrevistado por Sérgio de Sousa

Fernando Miguel Bernardes, da vasta obra, narrativas e testemunhos da resistência (1982 e 1991), literatura infantil, iniciada com *Uma Estrela na Mão* (1982), e um romance maior do transcurso de rurais desirmanados à tomada de consciência da classe operária, *Docas Secas*, (1991), contos e poesia; como dirigente da APE, a coordenação do Grande Prémio do Conto.

A infância na Gândara dos Olivais, Leiria, terra de camponeses descalços, assalariados e pequeníssimos proprietários, influiu em si?

Vivi no seio de camponeses e meios operários, Gândara fica entre Vieira de Leiria, fábricas de limas, e Marinha Grande, vidreiras, depois passei por Universidades, de Coimbra, Lisboa, outros meios intelectuais, exerci a profissão de Eng.º Geógrafo, tendo sido convidado para integrar a Sociedade de Geografia de Lisboa, onde fiz parte do corpo de vogais de Física, Matemática e Cartografia, mas sempre me acompanhou a imagem, como aberração, dos operários indiferenciados, nas fábricas a trabalharem descalços. Tinha de lutar contra isso, tinha de lutar contra o fascismo responsável por esse estado de coisas. Por isso me prenderam várias vezes, me julgaram outras tantas, e condenaram a penas que cumpri nas cadeias para presos políticos em Lisboa, Coimbra, Porto e Caxias.

N'A Imagem de Fausto (1998) o conto O Crepitar do Fogo, sensível, bela estória de amor, tema raro na sua ficção. Porquê?

O amor carnal é um sentimento tão íntimo que me tem custado a falar dele toda a vida. Mas sabe, esse conto foi traduzido e publicado numa revista, no México.

A literatura infantil, o contacto com crianças, são-lhe caros. Quer aditar?

A criança é ainda um ser puro, diria quase imaculado, que sempre ocupou o meu pensamento.

Os poemas, alguns cantados por Adriano Correia de Oliveira, José Afonso, Manuel Freire e outros, o que recentemente mais vem editando: O fio das harpas (2009) onde evoca Patrice Lumumba, Notas de viagens – Ritmos e Mitos (2015) passando pelas eternas trilhas de Palmira, Poemas ocasionais (2016), em Maio, como consigna, tentando imitar José Gomes Ferreira. Este escreveu: «A Poesia para mim assemelha-se a um arrancar de pele, para mostrar o sangue desenhado nas palavras.»¹

E para si?

É semelhante. José Gomes Ferreira desde cedo me encantou como «desfazedor» de mitos. Esse sangue mostrado, para mim, assume a função de despertar nos outros a atenção para os seus próprios problemas, e o ânimo para os resolver.

No tempo do fascismo convivi com os citados cantores, para quem o canto foi também uma forma de o combater.

O interesse pelos outros povos, o que motivou as muitas viagens empreendidas com a companheira constante.

Escritor que afirma «amaremos sempre / quantos / a pureza resgatará» e pergunta «e da exploração aumente o grau / ó útil trabalhador que me escutas / atentarás nos direitos e os disputas?» Quer aditar?

Minha preocupação desde bem novo, que os trabalhadores conhecessem os seus direitos e lutassem por eles. Porque essa luta é primeiramente deles, que para tanto têm de se organizar, e apenas como resultado dela um dia se erguerá um mundo mais fraterno, igualitário, feliz para a maioria.

1) *Dias Comuns VIII – Livro das Insónias sem Mestre*, D. Quixote, 2017, p.11

Conversa fiada

há trovoada
ao sol poente...
pede um desejo
à estrela cadente

e em lisboa
ou na madeira
a tradição
não tem fronteira

uma moeda
para o são joão...
a sopa no chico
massa e feijão

a guerra! a guerra
grita o ardina
o ocupante
na palestina

há mais petróleo
no assiristão
volta o império
de armas na mão

de armas na mão
e drones no ar
sem tripulação
e sabem matar

corpo-computador
frio e desumano...
quem o manipula
diz-se um ser humano

In *Poemas Ocasionalis*,
Fernando Miguel Bernardes
– ed. Mar da Palavra, 2016

Cartas a André, de Xico Braga

Domingos Lobo

O nosso pudor judaico-cristão – mais do que pudor, penso ser o pavor de nos expormos, de nos darmos a conhecer ao outro, de lhe abrir as portas – leva-nos a considerar a forma epistolar da narrativa, mesmo quando arrasta um claro sentido biográfico, como um género literário menor. Raramente, e ao contrário dos anglo-saxónicos que não possuem, por cultura e posicionamento filosófico, esses pruridos, nós tememos o ridículo; achamos, muito intimamente, que a nossa vida dava um romance, mas contá-la, expô-la cruamente à luz do dia, isso é que não. Podemos colocar fragmentos dela na ficção, parágrafos inteiros da nossa vida muito airosa e séria, (nunca as maleitas, os infortúnios, claro) mas sob o manto diáfano da personagem, escondidinha e intercalada na diegese sob nome fictício, um outro eu, a máscara, as máscaras pessoais, o alter-ego que arrastamos pelos livros como fadário até à insensatez: assumir os nossos erros e malfeitorias, prováveis qualidades e sucessos, na primeira pessoa, com o nosso nome próprio e assinar por baixo, isso é raro entre nós.

A epistolografia, enquanto género literário que se aproxima de um sentido íntimo, de quase verdade, de exposição do eu, também é raro processo de discurso literário. É evidente que a literatura, nossa e planetária, conta com obras estimáveis no género: *As Cartas Portuguesas*, de Mariana Alcoforado; *As Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa; as *Cartas de Guerra*, de António Lobo Antunes; *Cartas a Um Jovem Poeta*, de Rilke, ou a longa carta que Oscar Wilde escreveu na prisão de Reading (1896/7), com o título *Epistola: In Carcere e Vinculis*, dirigida ao seu companheiro Lord Douglas, que é um documento raro de sensibilidade, de denúncia, de inquirição de um tempo e de uma sociedade. No mesmo sentido, mas com diferentes perspectivas sociais e políticas, temos as *Cartas do Cárcere*, de Gramsci e as *Cartas da Prisão*, de José Magro em

que ele relata os 21 anos que viveu nas prisões do regime fascista, e nos diz com mágoa, mas com secreta, inabalável esperança: *sei bem, por outro lado, que não chegarei ao final da luta, à vitória do comunismo – mas isso para mim não é essencial, porque estou certo que ele virá como estar sentado a esta mesa.*

A novela de Xico Braga, *Cartas a André*, vem engrossar este estimável património, mas não numa posição de quem precisa de ombro ou psiquiatra para desabafar os males da vida, os amores perdidos, denunciar degredos e sevícias, as opressões sofridas pelas mulheres numa sociedade padronizada pelos homens e feita à sua medida e vontade. Xico Braga fala-nos, nas 22 cartas que constituem este livro, das pequenas lutas do quotidiano, desabafa epistolarmente com André, seu amigo de lutas e de sonhos, sobre um grupo de jovens que decidiram, no pós-25 de Abril, nesse jubilo revolucionário que agitou o País, na febre romântica que a quase todos tomou (todas as revoluções libertárias são românticas) constituir uma associação cultural. E é do percurso dessa associação, dos seus avanços e recuos, das mudanças e divergências, conceptuais e políticas, gerado nesse pequeno núcleo de dirigentes associativos, como se fora um microcosmos da história que então vivemos no País, com desistências, e traições, com oportunistas e generosos combatentes, que este livro trata.

É dessa história outra, subterrânea, quase ignorada, mas profundamente ligada à vida, às lutas, à vontade e aos sonhos de um pequeno grupo de jovens, que estas cartas, com extremada e sensível verdade, nos relatam. A grande História de Abril também se fez e faz destas pequenas histórias.

Cartas a André, Xico Braga – Ed. Página a Página, 2016

Lembrar Mário Dionísio, o Poeta da certeza inabalável

Domingos Lobo

Desde os tempos de Coimbra, e dessa aventura que marcaria para sempre a capacidade metafórica e a inventiva poética do neo-realismo que constituiu a publicação dos 10 volumes do Novo Cancioneiro,(1941/44) que o crítico Fernando J. B. Martinho designou de espécie de manifesto, de afirmação programática do neo-realismo, Mário Dionísio viria a revelar-se o seu principal crítico e teorizador tanto na vertente literária como pictórica, estendendo a sua influência doutrinária muito para além do que se convencionou ser o período histórico do movimento (1939/1960), vindo a influenciar autores de outras coordenadas estéticas, como Urbano Tavares Rodrigues, Augusto Abelaira ou José Cardoso Pires, este último na fase posterior à publicação de Os Caminheiros e Outros Contos, explorando outros horizontes conceptuais e integrá-los, dentro da problematização social do neo-realismo, numa mais vasta capacidade discursiva e de formulação criativa, renovando conceitos, o que permitiu que o neo-realismo integrasse várias gerações de autores e fosse o movimento cultural, estético e político mais influente e duradouro do século XX português.

O próprio Mário Dionísio, já nos anos 60, no prefácio para Barranco de Cegos, obra-prima de Redol, nos fala de outros caminhos possíveis de trilhar pela literatura portuguesa: Que um criador, como criador, afirme apenas ge-

nuíno o rumo que escolheu – eu próprio tenho dito e aqui repito que, depois de Robbe-Grillet, de Claude Simon ou de Nathalie Sarraute, se não pode voltar a escrever como antes deles –, está isso certo, corresponde a uma convicção e autenticidade, sem as quais aquilo que se propõe e tenta impor seria falho da força interior indispensável. E da cegueira fecunda de quem deve reconstruir o mundo de certa maneira e só dessa maneira. Mas o crítico tem outras obrigações. A obrigação de estar atento aos rumores do mundo e às mudanças que no campo das artes, e da Literatura em particular, se operavam, mas considerando que elas se integram na continuidade do neo-realismo.

Mário Dionísio pertenceu a uma geração de vozes poéticas absolutamente notável, uma geração que arriscava, que pensava o país para além dos dias cinzentos e mesquinhos do salazarismo, que desafiava para lá dos limites o chicote e o silêncio, que corajosamente ergueu uma obra de referência, única e fecunda, uma obra que está ainda viva e pujante de sinais de modernidade, que a cada ano renasce como as searas, esses momentos únicos das palavras, e da sua útil usança: É o instante do início./ O sangue encontra-se em cachão/ e salta. / O riso não tem mais oposições/ e estala./ Abrem-se os braços para o primeiro vôo. Vamos: /já se acabaram os limites!

No centenário de Alexandre Cabral (1917-1996)

JULIETA

Passou-se tudo num minuto. E foi o bastante. O motorista bem meteu o pé ao travão com quanta gana tinha; mas era tarde. A mulher estava por terra, feita uma boneca de trapos que a birra duma criança tivesse esventrado. Seria difícil imaginar posição mais macabra e esquisita.

A perna decepada, com os tendões à mostra, apresentava a biqueira para o lado do calcanhar, as mãos estendiam-se ao todo o comprido, afogadas na poça de sangue que cada vez alastrava mais. E a cabeça quase se enfiava pelos seios dentro. Parecia querer esconder, na posição em que estava, um grande segredo.

Espalhadas ao redor, como duas notas tristes de desalinho e de tragédia, via-se a malinha de mão, melancólica, e uma luva preta, abandonada.

Muitas pessoas que nessa tarde de Natal iam a caminho das matinées presenciaram a cena. Chegou o polícia, deu uma ordem gritada ao dono do automóvel que ocasionara o desastre e estava parado mais adiante. Rapidamente o corpo mutilado e exangue foi colocado à trouxe-mouxe sobre os assentos da rectaguarda. Alguns curiosos ajudaram à manobra. E o carro abalou a grande velocidade para o hospital.

Chegou lá morta. Encontraram-lhe na carteira um livrete de tolerada com outras bugigangas. Uns papéis, algum dinheiro e umas chaves. Mais nada.

As pessoas que presenciaram o desastre, triste para um dia de Natal, seguiram impressionadas para as matinées. Quando a noite chegou, na Avenida não havia lembrança do acidente. Só a «Cidade» do Diário relataria o sucedido.

O Diário e aquela mancha de sangue que a primeira chuva se encarregaria de eliminar. A mancha de sangue e a macabra e esquisita posição em que o corpo ficara – posição de quem mesmo da morte tem um segredo a guardar.

A luva estava lá, esquecida, sem vida e sem significado.

Filha de gente pobre, desde garota Maria Isabel estivera em contacto com a crueza da vida, não tendo desta, portanto, uma visão romântica de menina bem criada. A despeito dessa experiência ficara-lhe o jeito de sonhar. A entrada na adolescência, já em si um reino maravilhoso, foi um sonho. Todos os dias ajudava a mãe a lavar e a engomar a roupa para fora. A vida na artéria pobre da cidade continuava a mesma – dura e implacável. O pai não abandonara o velho costume de, à noitinha, bater na mãe. Contudo, dentro dela, lá bem no fundo, havia o desejo de uma existência diferente, o anseio de uma vida risonha e feliz, uma sede de realizar uma coisa que nem ela sabia explicar o que fosse. Mas um dia soube.

Namorava há tempos o Artur. E há dias que ele lhe falava numa vida nova, os dois felizes, num quartito pequeno, mas só deles, onde iriam arrumando as coisitas que fossem aos poucos comprando. Faria o comer para ambos.

Gostou tanto do Artur, a partir dessa data, que lhe fez a vontade – fugiu de casa.

Como foi feliz, francamente feliz. Dizer o contrário era mentir. Acabado o trabalho na fábrica ele metia-se logo no quarto e não saía mais. Só tinha um desgosto – o seu Artur não gostava que lhe falasse nos desejos que sentia em ter um filho. Quando tivesse um menino, seria então completamente feliz. Assim, havia na sua vida aquele vazio.

Mas durou pouco tempo este estado de coisas. O Artur acabou por desaparecer. Deixara-a só e sem dinheiro. E verificou que a experiência ganha na sua infância não representava nada. Muito tinha ainda que aprender.

Soube depois, quando baixou ao hospital, que o seu Artur lhe pegara uma doença má. Não o odiou. Estava-lhe grata pela felicidade daqueles dias. Se ao menos lhe tivesse deixado um menino!

Saiu do hospital. Desde esse dia até aquele em que passou a chamar-se Julieta, foi toda uma vida que esqueceu. Depois foram as patroas, as companheiras, os fregueses. O contacto foi mais profundo com a triste realidade da vida. Porém, a Julieta de agora, tinha guardadas no peito, lá bem no fundo escondidas, as ilusões da moça Maria Isabel. Nada lhes fazia perder o viço.

Queria ter a sua casinha. Ela não nascera para aquilo. Sem o manifestar, alimentava a esperança de que, a dada altura, o seu homem lhe aparecesse, e os sentimentos que trazia recalcados dentro dela saíssem para a luz do dia. Ainda que fosse um outro Artur.

Era tão ardente o desejo e tão firme a convicção que, muitas vezes, o homem acabava e ela ficava à espera de ouvir: «Passas a viver comigo, sim, amor? Alugamos um quarto modesto. Dás-me depois um filhito loiro, de grandes canudos sobre a blusa».

Mas não. Geralmente, sem dizer mais nada, o freguês abotoava o último botão, afivelava o cinto, deixava a placa em cima da mesa de cabeceira e saía. Pela porta aberta ouvia o barulho ensurdecido da sala. Ficava com um peso em cima de si, como se o homem ainda ali estivesse.

A um berro mais alto, levantava-se, vestia-se, escondia lá mais para o fundo as ilusões de Maria Isabel e vinha para junto das outras, aturar as grosserias dos homens.

O quarto alugou-o ela. Não para fugir à exploração das patroas ou ao convívio das companheiras. Queria fazer-lhe uma surpresa. Quando ele viesse já tinham casinha. Nunca se serviu dele para as exigências do seu ofício. Continuava com a mesma vida. Aquele quarto, porém, era o seu segredo. Guardava dentro dele as suas mais gratas ilusões. Sempre que deixava de ouvir as botas do homem na escada, o barulho da porta a fechar-se, ficava momentos pensativa e, por fim, convencida-se que não era ainda Aquele. Mas ele viria. Disso tinha a certeza. Tanto que amealhava, com um alvoroço de menina, todos os escudos. Pensava comprar mais umas coisitas.

Naquele Natal, Julieta sentiu o peito abrir-se-lhe numa alvorada para deixar passar tudo que lá estava dentro. Pressentia que era chegado o momento de realizar-se o seu sonho. Estreara o casaco de abafo, a malinha de mão, umas luvas. Abonecara-se mais. Não ia aos homens, ia ter com Ele.

Tão feliz caminhava que, ao atravessar a Avenida, nem reparara no automóvel rolando a grande velocidade. Coitada! Mesmo da morte, ela ainda escondera lá para o fundo do peito as ilusões de Maria Isabel.

Pobre Julieta!

In *O Sol Nascerá um Dia*, 1942

Género

Sérgio de Sousa

- O pai não é inválido; porque é que a mãe lhe descasca a fruta?
- Desajeitado, para trabalhos de mãos, ainda se cortava, ou fazia respingar o sumo do pêssigo para a camisa, e sabes como nódoas dessas custam a sair.
- Se treinasse, passava a ajeitar-se; e se entretanto fosse limpando as nódoas que pusesse, também aprenderia a dificuldade de as tirar.
- Faria um lindo serviço! As tarefas dele são outras, ler, preparar as aulas, escrever... E para mim, descascar a fruta faz parte da rotina, estou tão habituada.
- Precisamente esse o mal.
- Que mal?
- Por favor, mãe. Essa sua falta de consciência! O que é preciso ir fazendo e refazendo no dia-a-dia, sempre o mesmo, monótono, encargo seu, para que o senhor Professor se encontre preservado no exercício do superior múnus de leccionar.
E andamos por casa em bicos de pés, ouvimos a televisão em surdina, para não perturbarmos o pai, que aliás é duro de ouvido, e sempre fechado no escritório, bem se podia na cozinha deixar cair no chão todos os tachos e panelas que não daria por nada.
Desculpa-se com ele, mas na verdade a repressão doméstica parte de si; como a sua própria escravidão.
- Credo, dizes cada palavra!
- Diga-me então como se chama, na sua vida de casada, não ter uma única vez anunciado ao pai que ia sair, que preparasse ele o que lhe apetecesse para o seu jantar, e em contrapartida, quantas noites chegou o pai para comer a desoras, sem avisar da demora,

- e a mãe andou a requeantar a comida, a ralar-se e a consumir-se «porque ia tudo ficar sem graça»?
- Quando a tua avó sofreu o enfarte...
- Já sei, a mãe acompanhou-a ao hospital, e pediu à vizinha do segundo andar que viesse aqui a casa cuidar do inepto do pai, que nem capaz é de deitar o leite num púcaro para o aquecer.
- Os teus tempos são outros, filha. Fui educada assim, dentro de casa cabe às mulheres toda a lida.
- Não vê que isso constitui um desrespeito por si própria, e acaba por aumentar o egoísmo e prepotência do pai?
- O teu pai é um homem muito considerado.
- Sem dúvida, fora de casa, por outros homens, a maioria comportando-se nos respectivos doces lares de um modo semelhante ao dele. São todos muito progressistas, excepto no que toca à exploração da mulher de cada um.
- O mundo não muda de um dia para o outro...
- Sobretudo se nada se fizer com esse propósito. Se hoje e amanhã se travar um pequenino combate, todos os dias a vida melhora alguma coisa, nem que seja na satisfação de lutar.
Nas últimas férias, se não tivesse sido eu a exigir a alternância com o meu irmão, a mãe só a mim encarregava de pôr a mesa para as refeições.
- Coitadinho. ajeitou-se...
- Coitadinho. mãe! Porquê?
- Ainda é pequeno...
- A mim, com a idade dele. a mãe não me distribuía já afazeres até na cozinha? Também era coitadinha?
- Para ires aprendendo...

-
- A ser dona de casa, a saber servir o futuro senhor meu marido? Porque é que o João não há-de aprender também a governar-se numa casa?
 - Sei que os homens novos de agora ajudam as mulheres nas tarefas domésticas...
 - Mãe, não se trata de ajudar, mas de assumir a responsabilidade, executar do princípio ao fim alguns trabalhos, verificar se ficaram bem feitos. Importa uma divisão equilibrada, em que cada um cumpre o que lhe compete e está descansado porque o outro procede igualmente.
 - Na teoria tudo bonito, na prática... Se te pões à procura do marido perfeito, nunca mais vejo netos.
 - Não fuja para diante. Estamos a falar da sua submissão aqui em casa, e por arrastamento da degradação de todos nós, do pai inclusive, que quero contrariar.
Namoro, como não ignora, embora por vezes se faça esquecida disso, mas não sei se quererei vir a casar, ou não; e para ter filhos ninguém precisa de se matrimoniar. Informe lá o senhor padre, que destas coisas serão pouco conhecedores, que os bebés das relações sacramentadas e os das outras borram as fraldas igualmente.
 - Não blasfemes.
 - Não, mãe. O que pretendo deixar bem claro resume-se a que critico a hipocrisia do pai, nos areópagos grande defensor dos direitos e liberdades das pessoas e da igualdade entre elas, e acomodado déspota doméstico, mas entendo a sua indecente fraqueza em não prescindir de privilégios; o que não compreendo, e mais censuro, que em vez de

- se rebelar contra uma condição servil, procure repercuti-la imiscuindo-me nela.
- Não me sinto desconsiderada, escrava, como disseste. Cumpro obrigações na vida, como toda a gente de bem.
Queres ouvir, no próximo sábado vêm cá almoçar dois colegas do teu pai, com as respectivas mulheres; vou apresentar o lombo à flaviense que ele aprecia, envolto em massa folhada; agora vendem-na já pronta a usar, mas prefiro fazê-la eu, fica mais solta.
- E a mãe que não preferisse ter mais trabalho. O pai nem a rábula ensaiará de perguntar se quer algum apoio, que lhe permitiria a si ripostar com aquele repetido adágio, «muito ajuda quem não atrapalha». Os convidados, deixe-me adivinhar, vão combinar entre eles, e um casal trás a garrafa de vinho tinto, e o outro a sobremesa, um bolo comprado na pastelaria do bairro onde mora.
A mãe não vê...? Não vê mesmo. Sabe ao menos como se chama o seu estado?
Alienação.
Enfim, a mãe não se preocupe com a mesa. Sei a que gavetão irei escolher a toalha e os guardanapos, dar-lhes um toque de ferro que sempre precisarão, também acharei no louceiro um serviço adequado, tirarei os copos da cristaleira, os talheres do faqueiro, disporei tudo sobre a mesa e o mais necessário.

Para uma crítica da razão literária — em torno das *Palavras que respiram* de Domingos Lobo

Manuel Dias Duarte

A arte da escrita e a sua materialização é naturalmente colectiva, envolvendo autores, editores e leitores, mas igualmente toda a sociedade. Desde que Óscar Lopes e António José Saraiva publicaram a sua *História da Literatura Portuguesa* (1955) poucas têm sido as contribuições para a reconstrução de uma nova história literária empenhada socialmente, esteticamente progressista e comprometida com a experiência pessoal e colectiva.

A própria crítica literária pouco se tem actualizado nesta mesma direcção, pois como nas artes em geral, mais do que interpretar o real importa revolucioná-lo.

Razão porque sendo academicamente importante a crítica debruçar-se sobre os estilos, os géneros literários, as influências, mais relevante é levar o público leitor a reflectir sobre as relações que uma determinada obra mantém ou julga manter com a realidade social, cultural e política, sem perder de vista o sentido que Bento de Jesus Caraça dava à expressão «formação integral do indivíduo».

Eis as razões que levaram o autor destas *Palavras que respiram* – *Textos de Leitura Crítica* – 30 *Olhares sobre a Literatura Portuguesa* (Lisboa, Página a Página, 2016), a reunir não só o que andava disperso por publicações como o que corria o perigo de se perder por ter sido proferido apenas em momentos específicos de apresentação pública.

Ficcionista, poeta, dramaturgo, ensaísta e crítico, responsável por Cursos de Escrita Criativa, o elenco dos trinta e dois escritores seleccionados é significativo dos critérios defendidos por Domingos Lobo. O próprio se descreve como «um escritor a dar testemunho de comparsas seus».

São eles: Alves Redol, Ana Margarida de Carvalho, Ana Teresa Pereira, Armindo Rodrigues, Augusto Baptista, Avelino Cunhal, Bento de Jesus Caraça, Carlos Coutinho, Eula Pinheiro, Fernando Dacosta, Ferreira de Castro, Francisco Duarte Mangas, Herberto Helder, Hugo Santos, Joaquim Lagoeiro, Jorge Amado, José Gomes Ferreira, Manuel da Fonseca, Manuel Dias Duarte, Manuel Gusmão, Manuel Tiago, Maria Teresa Horta, Mário de Carvalho, Modesto Navarro, Papiniano Carlos, Possidónio Cachapa, Rui Herbon, Rui Nunes, Sérgio de Sousa, Soeiro Pereira Gomes, Tiago Patrício, Urbano Tavares Rodrigues.

Deixando tais referências estéticas às gerações mais novas e a futuros escritores, a fim de que estes melhor compreendam de onde viemos, para onde vamos e que devemos fazer (as três questões que Immanuel Kant colocou ao Iluminismo), as *Palavras que respiram* de imediato se tornou livro indispensável não só para estudo académico como por reunir material imprescindível para a feitura e compreensão de uma nova história da literatura portuguesa que já tarda.

A viagem

Sibila Aguiar

No vermelho do amanhecer dois vultos caminhando confundiam-se com a paisagem...

Eram Filomena e Henguila que um dia se reencontraram e nunca mais se separaram.

Andavam depressa e não sabiam muito bem onde iam chegar naquele dia. Às vezes davam as mãos, às vezes o caminho era tão estreito que tinham de ir um atrás do outro.

Henguila ia à frente, não fosse aparecer qualquer imprevisto...

Seguiam em silêncio e de vez em quando ela pensava no olhar triste de Nely, a mulher que a tinha tirado do seu grupo, pensava nas pessoas bem vestidas que à saída da missa iam perguntar por ela, no jornal que nunca mais ia vender... pensava nas belas histórias que Nely sabia contar nas noites em que o sono tardava... Talvez um dia ela voltasse...

Agora Filomena compreendia que era urgente partir, andar muito, embrenhar-se no mato, sentir a areia esquentar nos pés já desabitoados das caminhadas, aprender a distinguir o canto das aves selvagens e o perigoso rugir das feras nas noites sem lua. Ia apreensiva... seu coração estava do tamanho de uma missanga... Mas... Agora...

Era preciso entrar bem no mato porque lá no fundo, talvez do outro lado, houvesse uma clareira à espera deles.

Durante a caminhada silenciosa, Filomena lembrava-se do seu passado, via os companheiros de brincadeira, a partida ao amanhecer das mulheres que se dirigiam para a cidade no seu trabalho habitual, as mamas pilando debaixo dos cajueiros... lembrou-se do seu projecto, o projecto que Nely tanto ambicionava para ela... Ser professora... Nely queria que Filomena fosse professora. Filomena queria muito também.

E arrancada do seu grupo de crianças de muitas cores, das suas brincadeiras predilectas, Filomena foi à escola, aprendeu a ler, a usar sapatos, aprendeu a não sentir a dor nas gretas dos pés...

E cresceu. Não foram só os braços e as pernas, mas também o peito e a cabeça. Aprendeu muito mais do que Nely lhe ensinara, leu muitos livros, conheceu outras pessoas, compreendeu que era preciso partir, certamente para voltar um dia mais rica de conhecimentos para poder transmitir e ajudar crianças a crescer.

Com Henguila iria inventar uma nova maneira de viver...

Henguila por sua vez estava absorto em seus pensamentos...

Sim, ele iria libertar sua mãe Chongolane, suas mães, seus irmãos, iria dar-lhes uma vida diferente daquela que eles conheciam. Iria ajudá-los a conquistar a liberdade tão sonhada...

Pensava na mãe, sempre grávida, um filho no ventre, um filho nas costas, um filho na mão... Nenhum conhecia pai...

Os pais partiam, sempre, para trabalhar nas minas da África do Sul, às vezes mandavam dinheiro, mas muitas vezes, não... muitas vezes por lá arranjavam outra família outros filhos, outras muitas regressavam já cansados, doentes, para dar ainda mais trabalho à mulher que ficava.

Quando pararam, Henguila segurou a mão de Filomena e disse:

Tens mesmo a certeza que queres vir comigo? Talvez não estejas preparada para a vida dura que nos espera... Ainda estás a tempo... Tua mãe Nely, ainda te espera... Não queres voltar...?

Filomena apertou com força a mão de Henguila. Sorriu e continuaram a caminhada. Com ela ele sentia-se mais forte e mais seguro, confiante no futuro.

Foi assim que atravessaram a fronteira. Sentiam-se donos do futuro.

Esperava-os um mundo de surpresas, encantos e desencantos, ilusões e desilusões que a realidade se encarregaria de desvendar.

Estátuas de lama

Fernando Silvestre

Karl Mèziers tinha recebido um convite. Convite, era pelo menos essa a palavra que encimava a folha timbrada, enviada pela Associação Nacional de Comerciantes de Berlim. Formalmente um convite, Karl, no entanto, leu nele, uma convocatória.

A Associação anunciava-lhe a realização de uma conferência a 2 de Julho. Já na próxima semana, portanto. O orador, um prestigiadíssimo historiador, professor na Universidade de Nuremberg, Heinrich Füller, falaria sobre a Pátria e os perigos que a ameaçavam.

E seriam certamente muitos, sobretudo desde que, a 28 do mês anterior, um jovem de 19 anos, atingira mortalmente a tiro o Arquiduque Franz Ferdinand, sucessor austríaco ao trono do Império Austro-húngaro.

A imprensa fazia-se eco de boatos aterradores: o pan-eslavismo espalhava-se como fétida nódoa de gordura, o revanchismo francês, pela voz de Charles Péguy arrastava, presa aos pés, a pesadíssima pedra disforme da derrota de 71, a pérfida Albion olhava de soslaio para o crescente poderio marítimo alemão. Rumores, dizia Karl. Fumo. Mas onde há fumo, há fogo. E isso preocupava-o.

Era pois importante ouvir o que os académicos pensavam da situação, saber quais as medidas tomada pelo Estado-Maior do Exército e sobretudo procurar estar ao corrente das decisões que o Imperador tencionava assumir.

Quando chegou à sede da Associação, um imponente edifício construído no final do século anterior, já o vasto átrio se encontrava repleto. O enorme espaço, emoldurado por imponentes pinturas representando acontecimentos decisivos da história da actividade comercial da Alemanha, era iluminado por discretos candeeiros eléctricos, sabiamente distribuídos ao longo das paredes e das elegantes colunas jónicas que suportavam um tecto finamente decorado. A Associação modernizava-se. Acompanhava os tempos de acelerado progresso que marcava a sociedade alemã. Os convidados, na sua maioria, prósperos comerciantes de Berlim e dos arredores, tinham justificado orgulho na Associação que os seus antecessores haviam fundado.

Na sala, onde se haviam formado diversificados grupos, conversava-se em voz comedida. Karl estacou por brevíssimos instantes junto à entrada depois de ter entregado a um respeitoso funcionário de libré, o convite que recebera. Distinguiu, quase ao fundo da sala, um velho conhecido seu e encaminhou-se para o círculo de que fazia parte. No percurso, serpenteando entre acalorados grupos, chegavam-lhe aos ouvidos, preocupadas afirmações, proferidas em tom inequivocamente categórico. «Não, não, nunca consentiremos em tal coisa», «São nossas por direito e pela nossa coragem» «O Imperador tem razão, é na Marinha e nas colónias que reside o nosso futuro».

(Excerto do romance no prelo *Estátuas de lama*)